

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

Circumscripção das dioceses, pelo conde de Samodães. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Encyclica de S. S. Leão XIII sobre a restauração da Philosophia Christã nas Escolas Catholicas, etc.* — SECÇÃO SCIENTIFICA: *A medicina nos nossos dias*, por Bernardino José do Souza Freitas; *Causas finças*, pelo padre F. Sanchez. — SECÇÃO LITTERARIA: *Thereza de Jesus*, por D. Maria del Pilar Simões, traducção do Padre Lima, (continuação). — EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *O Liberalismo Desmascarado*, opinião do «Mondes de Pariz» e opinião do «Commercio do Minho». — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUMARAES, 15 DE SETEMBRO

Circumscripção das dioceses

Não admite duvida que o governo se occupa incessantemente da importantissima questão da circumscripção das dioceses. Foi o governo progressista que em 1870 veio a publica com um decreto intempestivo, que levantou esta questão, a qual em vez de progredir ficou comprometida desde o seu começo. Hoje, que o partido progressista voltou a assumir as redeas do governo, a experiencia lhe mostrou que lhe convinha proceder com a maior prudencia, a fim de levar a bom termo semelhante medida, que não interessa somente ao Estado mas tambem a Igreja.

Cumpre agora remediar os erros d'aquelle decreto e fazer obra, que satisfaça os altos interesses, que n'ella se acham envolvidos.

A redução dos bispados é uma necessidade reconhecida em principio pelo governo, pelos partidos e pela Santa Sé mesmo. A creação de algumas dioceses supranumerarias foi devida ao marquez de Pombal, e a intenção, com que o fez, não foi em nada favoravel aos interesses religiosos e aos respeitoz devidos á Santa Sé. Entrava nos planos d'aquelle audacioso politico constituir uma Igreja nacional, que, no caso de necessidade, se declarasse independente de Roma, e autonoma.

Para esse fim entendeu que lhe convinha um grande numero de prelados, que se constituissem em concilio nacional, e escolhessem para chefe o patriarcha de Lisboa, para o qual se transferiria o poder de confirmar e conferir jurisdicção aos bispos, que houvessem de succeder aos que existiam. Sob o jugo despotico, que elle fazia pezar sobre todos, pensava o ambicioso ministro, que não havia obstaculos aos seus designios. Essa politica estava então muito em voga, e encontrava auxiliares no imperador d'Austria, no gran-duque de Toscana, no rei de Hespanha, em França, etc.

Os bispados foram creados com este pensamento reservado, e subsistem até nossos dias; verdade é que ha muito se acham privados de bispos, mas subsistem governados por vigarios geraes, que recebem a jurisdicção ecclesiastica da mão dos metropolitans.

É um estado anomalo, que convem terminar por meio de medidas sensatas, de accordo com a Santa Sé.

O decreto de 1870 foi um golpe d'estado, que não teve outro fim senão crear descontentes, dar uma solução impraticavel á questão, e desconsiderar a Santa Sé: assim permaneceu elle até hoje sem cumprimento, sendo até desattendido pelo proprio ministro, que o referendou.

Hoje, que os animos estão mais serenos, e que o governo parece inspirado em mais sãos principios, tracta-se de accordar com a Santa Sé sobre os meios de realisar a redução e fazer a circumscripção diocesana mais conforme com os interesses dos povos e as tradições locais. Se o governo andar de boa fé n'este assumpto, como tudo nos induz a crê-lo, facil e prompta será a resolução.

Em principio são extinctos os novos bispados, creados no governo do marquez de Pombal, á custa das dioceses antigas que foram desmembradas.

São hoje muito mais favoraveis as condições de viação no paiz do que eram ha um seculo. Os caminhos de ferro, as estradas e o telegrapho, facilitam o governo das dioceses e da administração publica em todos os seus ramos.

É mister todavia ter em vista não

aglomerar em um só local, e encarregar a um só homem multidão de negocios, que não possam ser prompta e facilmente resolvidos. Não são necessarias tantas dioceses, mas é indispensavel que ellas não sejam em demasia extensas, e que os seus pastores as possam visitar com facilidade, levando o remedio, onde seja mister applical-o, e administrando o Sacramento da confirmação a todos os fiéis.

É necessario tambem attender ás tradições das antigas sés aos seus recursos, aos seus templos, aos seus seminarios, e a outras circumstancias, que devem estudar-se.

Extinctas algumas dioceses acabam por sua natureza os seminarios, que existem nas sés, e os seus rendimentos passam para as dioceses, a que se fizer a annexação.

Ha algumas dioceses, que nunca tiveram cabidos, e até não passaram sés. Os corpos capitulares são indispensaveis auxiliares junto dos prelados, e por isso toda a diocese que ficar subsistindo deve ter o seu cabido.

Temos a convicção que feito o accordo com a Santa Sé e distribuido o territorio pelas diversas dioceses, não ficará por prover uma só mitra, e se preencherão todos os lugares vagos nos cabidos, acabando o estulto preconceito, que foi moda levantar ha annos, para lançar ridiculo sobre os ministros dos negocios ecclesiasticos, que nomeiam conegos. Todos estarão lembrados que ha dois annos um ministro da justiça fez algumas nomeações d'estes dignitarios e foi isso o motivo para acres censuras ou motejos; quando aliás merecia devidos elogios por ter satisfeito a urgentes necessidades dos corpos capitulares, e do ensino ecclesiastico, para que escolheu os mesmos conegos.

Attenta a configuração do paiz e os locais onde se acham collocadas as sés das dioceses, não pôda aspirar-se a uma divisão symetrica e uniforme; nem ellas podem ser todas eguaes em area, nem em população, nem em riqueza. Algumas tem de augmentar em detrimento das outras, e todas tem de modificar a sua existencia actual, aco-

modando-se ás circumstancias presentes, que são diversas das passadas.

Na uma diocese, que o decreto de 1870 condemnou e que hoje tem de restabelecer-se, augmentando a sua area á custa da do Porto e de Braga; é a de Lamego, sé antiquissima e situada em posição conveniente para estender-se um pouco na margem direita do Douro, hoje ligada á esquerda pela magnifica ponte da Regoa e mais tarde por outra que de necessidade se virá a lançar no Pinhão, quando a via ferrea funcione até áquelle ponto.

O bispado de Bragança tem uma pequena circumscripção e a cabeça acha-se mal collocada. Conviria extinguir-se poderia transferir-se esta para local mais apropriado e central, de modo que tivesse sempre prelado á sua frente, o que ha muito não succede, pois nenhum lá quer residir, como o actual, e o sr. D. Manoel d'Aguiar e outros, que mal tomam posse se ausentam para sempre.

Entre a séde de um bispado na Guarda ou em Castello Branco pôde haver questão, porque em favor de ambos existem razões assás ponderosas. O Alemtejo tambem precisa de duas dioceses, e além da de Evora, pôde duvidar-se onde se colloque a cabeça da outra, podendo tambem questionar-se se a Evora se deve conservar a qualidade de metropolitã, que hoje nenhuma razão auctorisa, parecendo que o continente do reino não deve ter por séis metropolitanas senão a de Braga e a de Lisboa.

Entrando o governo n'este estudo com animo desprevendo, e isempto de vistas politicas, o que é indispensavel para fazer obra, que seja prestavel ao Estado e á Egreja, deve tambem emendar a mão na condemnação em massa de todas as antigas collegiadas, compensando as dioceses extinctas com estes corpos ecclesiasticos, e conservando algumas d'ellas, que representam gloriosas lembranças; entre estas não deve acabar a insigne collegiada de Guimarães, e para a sua reintegração devem concorrer os homens de todos os partidos, de todas as opiniões, de todos os pareceres.

Outro assumpto gravissimo devo o governo ter em vista, occupando-se d'esta questão tão séria quanto indispensavel; é o augmento do recrutamento do sacerdocio, aquillo a que nos referimos.

Todos conhecem quanto se acham readas as suas fileiras, e quanto é necessario que se augmente o numero actual de sacerdotes, cujas tendencias são para se tornar ainda menor.

A redução das dioceses terá como consequencia a melhor dotação dos seminarios que ficarem subsistindo, e por tanto maior numero de lugares para ordinandos pobres, que serão aquelles que hão-de prin-

cipalmente preencher as numerosas vacaturas que já existem e que vão augmentar com o decorrer do tempo.

Ha já dioceses onde alguns parochos curam duas freguezias e são auctorizados para dizer duas missas nos dias sanctificados. E' um triste remedio, que nada edifica os povos, antes os desmoralisa e torna descrentes.

Gravissimo pois é este assumpto, e o governo deve resolver-o sem levantar mão de sobre elle. Desengane-se elle e todos que o melhor meio de andar depressa o bem está em accordar franca e sinceramente com a Santa Sé, cuja sollicitude pelo bem espirital de todos os fieis não tem repouso nem descuidos.

Confiamos que o governo actual deixará este grande beneficio ao paiz para bem de sua memoria, quando haja de deixar a direcção dos negocios do Estado.

CONDE DE SAMODÃES.

SECÇÃO RELIGIOSA

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSE SANTISSIMO PADRE O

PAPA LEÃO XIII

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO MUNDO CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A

SANTA SÉ APOSTOLICA

Sobre a restauração da Philosophia Christã nas Escolas Catholicas segundo o espirito do doutor angelico

S. THOMAZ D'AQUINO

(Continuado do numero anterior)

Effectivamente, na ordem das cousas divinas, o bom Deus manifestou-nos pela luz da fé não somente aquellas verdades que a intelligencia humana não pôde, por si mesma, attingir, senão ainda muitas outras que não excedem absolutamente a razão, mas que, assim sancionadas pela auctoridade divina, tornam-se accessiveis a todos sem receio de errar. D'aqui vem que até os philosophos pagãos, guiados só pelo

facho da razão natural, conheceram, demonstraram, e sustentaram certas verdades propostas aliaz á nossa crença pelo ensino divino, ou que por laços intimos se ligam á doutrina sobrenatural *Pois as cousas d'elle* (Deus), como diz o Apostolo, *que são invisiveis se vêem depois da criação do mundo, considerando-as pelas obras que foram feitas; ainda a sua virtude sempre eterna e a sua divindade* (1) *e os gentios que não têm a lei...mostram todavia a obra da lei escripta nos seus corações* (2).

Estas verdades, taes como os philosophos pagãos as conheceram, é de toda a oportunidade fazel-as pôr ao serviço e vantagem da doutrina revelada, a fim de que se conheça, com evidencia, como a sabedoria humana, e ainda o testemunho de nossos adversarios, redundam em favor da fé christã.

Além de que, é sabido que esta tactica não é de introdução moderna, mas muito antiga e frequentemente em uso entre os Padres da Egreja. Assim é que estas veneraveis testemunhas e guardas das tradições religiosas reconheceram como um modelo, e até como uma figura d'este processo, o facto dos Hebreus receberem, proximo a sahirem do Egypto, ordem de levarem consigo os vasos d'ouro e de prata, e os ricos vestidos dos egypcios, a fim de que estes despojos, que até então tinham servido nos ritos ignominiosos e nas vãs superstições, fossem por uma transformação immediata, consagrados á religião do verdadeiro Deus.

S. Gregorio de Neocesarea considera como um titulo de gloria para Origenes (3) o ter feito suas, ideias engenhosamente escolhidas entre as dos pagãos, como armas arrancadas ao inimigo e tel-as, com singular destreza, convertido em defeza da sabedoria christã e em ruina da superstição. S. Gregorio de Nazianzo (4), e S. Gregorio de Nyssa (5) louvam e approvam em S. Basilio Magno este methodo de discussão; S. Jeronymo exalta-o em Quadrato, discipulo dos Apostolos, em Aristides, S. Justino, S. Irineu, e muitos outros (6). «Não vemos nós, diz S. Agostinho, com que quantidade d'ouro, prata e vestidos preciosos sahio do Egypto Cypriano, doutor suave e martyr bemaventurado? E Lactancio, e Victorino, e Optato e Hilario? E para passar em silencio os vivos, esses innumeraveis gregos (7).» Ora, se a razão natural, antes

(1) Rom. cap. 1, v. 20.

(2) Ib. II, v. 14 e 15.

(3) *Orat. paneg. ad Orig.*

(4) *Vit. Moys.*

(5) *Carm. I, hyb. 5.*

(6) *Epist. ad Magn.*

(7) *De doct. Christ.*, liv. II, cap. 40.

de ser fecundada pela virtude de Christo conseguiu produzir tão rica messe, por certo a produzirá muito mais abundante agora que a graça do Salvador restaurou e augmentou as faculdades nativas do espirito humano.—E quem não vê a senda comoda e facil que este processo abre para a fé?

Todavia, a utilidade d'este mesmo processo philosophico não se circumscreve n'este limite. Com effeito, os oraculos da sabedoria divina fulminam graves imprecações áquelles homens que *pelos bens visíveis não puderam comprehender Aquelle que é; e considerando as obras não puderam reconhecer o Artifice* (8).

D'est'arte, a demonstração que a razão humana nos dá da existencia de Deus, é já o primeiro fructo d'ella, fructo grande e precioso acima de todos: *porque pela magnificencia e belleza das creaturas pôde visivelmente conhecer-se o Creator d'ellas* (9). Depois, a razão mostra-nos a singular excellencia de todas as perfeições conglobadas em Deus que, não sómente é verídico, mas é a propria verdade, que não pôde enganar-se, nem enganar-nos.

E d'aqui resulta com a maior evidencia que a razão humana deve á palavra de Deus fé plenissima e submissão absoluta. Similhanamente ensina-nos a razão que, desde a sua origem a doutrina evangelica foi confirmada por milagres, argumentos certos d'uma verdade certa, e que, por esta razão, aquelles que cr'em no Evangelho não são temerarios como se dessem credito a fabulas especiosas (10); mas subjeitam a intelligencia e o juizo á auctoridade divina por uma obediencia inteiramente conforme á razão. Finalmente, e isto não é menos precioso, a razão evidencia de que modo a Igreja instituida por Jesus Christo (como define o Conc. do Vaticano) «na sua admiravel propagação, na sua eminente santidade e na fecundidade inexaurivel que desenvolve em todos os lugares; na unidade catholica como na estabilidade, nos offerece um seguro e perpetuo motivo de credibilidade e um testemunho irrefragavel da divindade da sua missão (11).

Assentadas solidamente estas bases requere-se tambem o uso frequente, para que a sagrada theologia, com seu auxilio, receba e revista a natureza, forma, e o character d'uma verdadeira sciencia. Effectivamente, é de toda a necessidade que n'esta nobilissima sciencia, a mais nobre de todas, as multiplices e variadas partes das

doutrinas celestiaes sejam reunidas como n'um só corpo, de sorte que, ordenadamente dispostas, cada uma em seu conveniente lugar e deduzida dos principios que lhe são proprios, fiquem estreitamente vinculadas entre si; é finalmente preciso que todas estas partes diversas e cada uma em particular, sejam confirmadas por argumentos adequados e irrefutaveis.

Tambem não deve omitir-se, nem desprezar-se, o conhecimento mais aprofundado e mais fecundo do objecto de nossas crenças, e a intelligencia mais clara, tanto quanto possivel, dos proprios mysterios da fé, depois que S. Agostinho e os outros padres os tomaram para objecto de seus elogios, estudos e meditações, e depois que o Conc. do Vat. (12) a declara tambem fructuosa no maior grau possivel. Este conhecimento e esta intelligencia são sem duvida adquiridos mais completa e facilmente por aquelles que, á integridade de costumes e ao zelo da fé, alliam um espirito fecundado pela cultura das sciencias philosophicas; e de feito, isto é confirmado pelo mesmo Conc. do Vat. quando ensina que este conhecimento deve haurir-se «tanto na analogia que as coisas conhecidas naturalmente têm com as da fé, como no vinculo que prende os mysterios entre si e com o fim ultimo do homem» (13).

A's sciencias philosophicas pertence, enfim, sustentar religiosamente as verdades divinamente reveladas, e contrarrestar a audacia dos que as impugnam.

Bello titulo de honra é, por certo, para a philosophia ser o baluarte da fé e o soldado ante-mural da religião. «E' verdade, como o attesta Clemente de Alexandria, que sendo o Salvador a força e a sabedoria de Deus, a sua doutrina é perfeita em si mesma, e não necessita do auxilio de ninguem. «O concurso da philosophia grega nada acrescenta á energia da verdade; mas mostrando a fraqueza dos argumentos opostos á verdade pelos sophistas, e dissipando as insidias contra esta armadas, é ella «designada pela vala e palissada do que «cercam a vinha». (14) D'este modo, em quanto os inimigos do nome catholico, das luctas contra a religião pretendem tirar da philosophia a maior parte das armas de que se servem, igualmente a philosophia pedem, ás vezes, os defensores das sciencias divinas os meios de vingar os dogmas revelados. E assim, as armas fornecidas contra a fé christã pelos artificios da razão humana, a razão humana tão vigorosa como habilmente, as faz redundar em proveito da

mesma fé: triumpho não pequeno para o christianismo!

S. Jeronymo, escrevendo a Magno, recorda que esta especie de combate foi usada pelo Apostolo das gentes: «General do exercito christão, Paulo, o orador invencivel, defendendo a causa de Christo, converteu engenhosamente em favor da fé uma inscripção encontrada por casualidade: porque tinha aprendido com o verdadeiro David a arrancar o gladio das mãos do inimigo e a servir-se do proprio ferro do orgulhoso Philisteu para lhe arrancar a cabeça». (15)

A propria Igreja não somente aconselha, mas ordena aos doutores christãos, que chamem em seu auxilio a philosophia. E' por isso que o quinto Concilio de Latráo, depois de estabelecer que «toda a verdade «contraria á verdade da fé sobrenatural e «absolutamente falsa, por isso mesmo que «a verdade não pôde contradizer-se a si «mesma» (16) impõe aos mestres da philosophia a cuidadosa applicação á solução dos argumentos capciosos; porque, segundo a palavra de Santo Agostinho «todo o argumento, por mais especioso que elle seja, «adduzido contra a auctoridade das Escrituras, não pôde ter mais que uma apparencia de verdade: verdadeiro nunca. (17) Mas para que a philosophia produza os preciosos fructos, que acabamos de apontar, é preciso que de forma alguma se aparte da linha recta traçada na antiguidade pelo collojo dos Santos Padres, e que ainda ha pouco o Concilio do Vaticano sellava com sua auctoridade solemne. Quando, pois, se tratar das verdades da ordem sobrenatural, que evidentemente excedem muitissimo as forças de toda a intelligencia creada, abstenha-se a razão humana, conscia de sua fraqueza, de querer elevar-se mais do que pôde, nem pretenda negar estas mesmas verdades, aheril-as por suas proprias forças, ou interpetral-as a seu bel-prazer; muito pelo contrario, deve rebelar-se com fé humilde e sincera, reputando-se soberanamente honrada em ser admittida a preencher, com as sciencias celestes, as funcções de servo fiel e submissa, e poder, d'alguma forma, por beneficio de Deus, attingil-as.

Se, porém, se trata d'esses pontos de doutrina, que a intelligencia humana pôde apprehender por suas forças naturaes, é justo que sobre estas materias se deixe á philosophia seu methodo, seus principios, seus argumentos, com tanto que ella nunca ouse subtrahir-se á auctoridade divina.

(8) Sap. XIII, v. 1.

(9) Sap. XIII, v. 5.

(10) II de Petr. 1, v. 16.

(11) Const. dog. de Fid. cath., cap. 3.

(12) Const. dog. de fid. cathol. c. 4.

(13) Id. ibidem.

(14) Strom. lib. I, cap. 20.

(15) Epist. ad Magno.

(16) Bulla Apostolici regiminis.

(17) Epist. 147 (al. 7) ad Morcellin, n.º

SECÇÃO SCIENTIFICA

A medicina nos nossos dias

I

Em prístinos tempos a medicina também se chamava *caridade*.—Residia ella principalmente nos claustros, em intima convivencia com outras sciencias ainda na infancia, sob a guarda da Cruz dos templos christãos, sem que as suas meditações fossem perturbadas pelos canticos a Deus.

Não é portanto peregrino o assumpto quando trazido ás columnas de uma folha religiosa, e catholica.

Não obstante as tendencias de desenvolvimento, que são características do seculo actual, a historia da medicina não está produzindo as efficiencias, que nas suas primitivas eras a sciencia, apenas de acanhadas experimentações, produziu aos seus primeiros cultores.

Parece que a medicina estuda hoje o seu passado para se conservar intacta, ou que se acobarda do progresso, porque as suas conquistas abalam os alicerces do edificio secular.

Hippocrates não teria successores em Tesalio, Dracon e Polbio, se não houvesse meditado á luz mortua que se espalhava sobre as *taboas votivas* dos templos da Grecia, na indigencia da sciencia que amava, para arrebatá-lo ao dominio da superstição, e desentranhar do seio de uma philosophia especuladora as primeiras regras da medicina, fundadas nas profundas observações da natureza; e se não rezumisse e synthetisasse os conhecimentos anteriores ao seu tempo, realisando por um estudo independente, por um juizo imparcial, por uma philosophia sã a maior creação da sua idade.

Tucidides fez-se a historia, Perichos a politica, Fidius e Sophocles a arte; Socrates foi o seculo da philosophia, mas o ancião de Cos, abrindo largos horizontes ao futuro da medicina foi o seculo da humanidade.

Não estacionou a sciencia nos fundamentos lançados pelo grande genio da antiguidade. O progresso dos conhecimentos humanos forçosamente teria de transformar pouco a pouco a face dos elementos, que constituíram o corpo de doutrinas por elle estabelecidas.

Hippocrates fundou o methodo experimental, comtudo não constituiu por elle nem a sciencia nem a therapeutica.

Haciocinou nos factos physiologicos, e pathologicos, buscando furtar-se a um systema hypothetico, mas não o conseguiu, pois que não assentou a sua doutrina nas deducções da experiencia, e attribuiu ao corpo humano as qualidades do doce e amargo, do acido e salgado, de cuja harmonia ou desarmonia acreditou depender a saude e a doença.

Não tinha portanto a sciencia infante a robustez necessaria para os commettimentos importantes, que carecia emprehender. A Alexandria encetou os estudos anatomicos e teve de combater as discussões frivolas e dictadas por um espirito de controversia, que dominava a medicina pela influencia das escolas do peripatetismo, do

estoicismo e outras, para poder conciliar o dogmatismo e o empirismo, accentuando os principios geraes da arte de curar.

Sentia-se já palpitante a necessidade de reformar o dogmatismo hypocratico. Aristoteles na zoologia, Teofrasto na botanica, Dioscorides na mineralogia, deram impulso ao descobrimento de muitos agentes pharmacologicos, que, amalgamados em compostos numerosos, trouxeram á sciencia uma confusão impossivel nas formulas pharmaceuticas.

Foi n'este estado catholico que Galeno encontrou a herpetica. Não o seduziram as philosophias da sua epocha, nem a materia medica lhe parecia uma verdade ao seu espirito superior. Sangrou mais que Hippocrates, deu mais purgantes do que Celso, prescreveu mais vomitivos do que Areto, p z mais sanguesugas do que Celso, e applicou mais ventosas do que todos os medicos reunidos, dos tempos anteriores.

Galeno viu na base das doutrinas hypocraticas um vacuo lastimoso. A phisica admitia quatro elementos: o fogo, o ar, a terra, e a agua. A phisica devia soccorrel-a, e assim attribuiu ao corpo humano quatro humores an logis aquelles elementos, o sangue, a pituita, a bilis e a atrabilis, cujas qualidades suppoz serem calidas, frias, humidas e secas. Por esta doutrina as enfermidades não eram mais do que um desequilibrio d'aquelles elementos, e a degeneração de qualquer dos humores. A therapeutica obedeceu á regra estabelecida.

Era pois profunda a transformação da sciencia primitiva, e grande o abalo que o novo systema deveria produzir. O reconhecimento da necessidade da reforma da medicina era tão manifesto e tão universal, que facil foi estabelecer e fixar novos preceitos e novas escolas.

Galeno fundou a sua monstruosa polypharmacia, e firmou o principio therapeutico do *contraria contrariis curantur*, que a Grecia, Roma, e toda a Europa acceitaram e seguiram sem repugnancias notaveis, mas com decepções frequentes e duvidas profundas.

Depois da divisão do imperio romano as sciencias paralisaram. A medicina parou com ellas. Galeno continuou proferindo a ultima palavra. Os arabes não sahiram das orbitas conhecidas. A idade media, apesar dos esforços de Carlos Magno, quasi deixou a gloria da medicina nas mãos dos judeus e dos serracenos, mas a medicina continuou sendo Celso e Galeno, com pequenas modificações, segundo as subtilidades escolares.

Nos seculos XV e XVI não mais se adiantou. As causas morbidas continuaram sendo como anteriormente materiaes, formaes, finaes e efficientes; sendo as efficientes, consideradas unicas na produção da doença.

A therapeutica tinha por objecto evacuar os humores excedentes, purificar-os com purgativos, devolvendo-lhes o seu temperamento e composição normal.—D'aqui se constituiu uma epocha verdadeiramente dominada pelos emolientes, pelos diluentes, adstringentes, madurativos, incisivos, detersivos, desobstruentes, aperitivos, digestivos, laxantes, tonicos, e muitos outros, que tornam notavelmente indigesta e asquerosa a therapeutica, que fez ainda as delicias

Ainda mais, sendo certissimamente verdadeiro tudo que a revelação nos ensina, e que tudo o que é contrario á fé egualmente é contrario á razão, o philosopho catholico deve saber que violaria os direitos da razão e não meus os da fé, se admitisse uma conclusão que soubesse ser contraria á doutrina revelada.

Nós bem sabemos que ha muitos que, exaggerando as forças da natureza humana, pretendem que a intelligencia do homem decência de sua nativa dignidade, pelo facto de se submeter á auctoridade divina, e que, assim comprimida pelo jugo d'uma especie de escravidão, sente-se notavelmente embaraçada e retardada na marcha que devia levar-a ao fastigio da verdade e de sua propria excellencia.

Mas taes asserções são absolutamente erroneas e falsas; seu fim principal é levar os homens ao cumulo da loucura e não menos da ingratidão, fazendo-lho repudiar as verdades mais sublimes e por si mesmas repellirem o divino beneficio da fé, que para a sociedade civil foi sempre fonte de todos os bens.

Com effeito, o espirito humano, circumscripito a limites determinados, e bastante estreitos, acha-se exposto a innumeraveis erros e á ignorancia de muitas coisas. Pelo contrario, a fé christã, apoiada como está na auctoridade do proprio Deus, é a mestra segurissima da verdade: o que a segne evita as ciladas do erro e subtrai-se á agitação das opiniões incertas. Aquelles que ao estudo da philosophia unem a obediencia á fé christã, são excellentes philosophos, porque os esplendores das verdades divinas vêm em auxilio que illumina, e longe de a fazer decahir, consideravelmente cresce em sua excellencia, penetração e potencia.

Esses philosophos de que fallamos, dando-se á refutação das opiniões contrarias á fé, e á demonstração das que com ella se harmonisam, exercitam sua razão da forma mais digna e das mais uteis; pois, para refutar as primeiras necessitam descobrir as causas do erro, pondo a descoberto o defeito dos argumentos em que estas opiniões se baseiam; para as segundas, descobrem razões que dão d'ellas uma prova solida e são motivos efficazes para a persuasão. D'esta arte, este exercicio augmenta necessariamente os recursos do espirito e desenvolve as faculdades; negal-o, é um absurdo, por que seria o mesmo que afirmar nada valer, para o desenvolvimento da intelligencia, o discernir o verdadeiro do falso.

(Continúa).

dos seculos XVII e XVIII, e com pequenas modificações abre o apetite scientifico ás escolas officiaes d'hoje.

A' parte os progressos da cirurgia e da chimica, e descobertas puramente empiricas, que se tem feito, pôde-se dizer que a medicina existiu até ao seculo passado, como no seculo XV, ainda que com os esforços empregados para a fazer sabido marasma em que existiu na idade media, se têm levantado diversos systemas, com os quaes, variando as theorias, se foi corrigindo a therapeutica, sem contudo se profundar ate á raiz da creação quasi inspirada de Hypocrates, para se lhe imprimir os aperfeiçoamentos que a moderna philo-ophia vehementemente aconselhava.

E tanto assim é, que ainda hoje o hypocratismo puro conta defensores apaixonados, que procuram restabelecer a medicina primitiva! Fallam comigo as doutrinas do dr. Caval e a escola de Montpellier.

Broussais, no seu *Exame das doutrinas*, e nas suas theorias physiologicas, estabeleceu como unico tractamento das doencas o antiphlogistico, dando assim um golpe mortal no medonho arsenal pharmacologico do seculo passado. Não obstante os erros confessados pelo proprio auctor de tal systema, teve seclarios numerosos, que mortificar a humanidade fazendo correr rios de sangue sob a pressão das suas infatigáveis laucelas.

Mas os broussaistas, felizmente, passaram. Foram uma columna de gafanhotos da sciencia, assolando os campos da medicina. Um escriptor notavel da-lhes como successores os organologistas, para quem a physiologia, a pathologia e a therapeutica se apartam no material da organisação, tendo a vida como um resultado: os chimicos, que tudo subjungam pelas composições e decomposições, a reacções que produzem a vida, a saude, a doença, a cura e até o pensamento e a consciencia; e aos humoristas, que tudo procuram encontrar nas composições e alterações do sangue. Temos também os que querem que os solidos intervenham nas funcões normaes e morbosas da economia vivente, e outros que transigem com que a potencia vital influa nos seus phenomenos e até nas curas. Ha os ecleticos, que acreditam que em todos os systemas ha alguma coisa boa, e os empiricos, que buscam harmonisar a theoria e a pratica, sem admittirem em absoluto nenhum systema de preferencia, accetando-os aliás a todas, uma vez que se diga que curam, o que é a negação da sciencia, e a posição mais ridicula do medico, por que procede rotineiramente, sem conhecer o que pre-creeve, nem por que o prescreve.

De tudo isto se deduz a mobilidade das bases em que assenta a medicina tradicional. Se se perguntar a sciencia official contemporanea qual o seu credo, qual a conformidade das suas doutrinas, não haverá quem formule uma resposta cabal. A materia medica é o empirismo rotineiro, e por conseguinte, cada medico é guiado pela sciencia experimental a formar uma sciencia individual.

Seria por este motivo que Boerhaave diz que o genero humano teria sido mais feliz se nunca tivessem existido medicos.

Barthe dizia: «somos uns cegos, que descarregamos a pancada do bordão ou so-

bre o mal, ou sobre o doente; feliz aquelle que escapar á bastonada».

Buchardat diz que a medicina está ainda toda por fazer com caracter de sciencia.

Franck aconselhava aos governos que exigissem responsabilidades aos medicos pelos assassinios que commettiam.

Sthal avaliava em sete de cada dez os doentes que morrem da cura.

Na sessão da Academia Imperial de medicina de Pariz, em 8 de janeiro de 1836, expressava-se Malgaigne da seguinte maneira: «... completa auzenca de doutrinas scientificas, carencia de principios para a applicação da arte, empirismo por todas as partes: eis o estado da medicina!» N'outra occasião dizia também: «se submettessemos a uma seria expurgação todos os meios de que dispõe a therapeutica, d'elles ficaria muito pouco na sciencia».

E com tudo não faltam ali out dades vãs, que se empavonam sobranceiras de sciencia, inflando dogmas a cada palavra que proferem, como se uma aureola de infallibilidade lhes illuminasse a frente, quando acomodados em uma cadeira professoral. Soberanias pedantescas que reiteradamente sentem resvalar-lhes os taões, quando experimentadas, e se deixam fazendo no sollo, envoltas na lama que não distinguem do unguento de basilicão! Sestro fatal dos que julgam que um diploma official, devido qui a ao favoritismo, significa o *non plus ultra* da auctoridade scientifica, embora tenha sido empolgado nas immundicies da euxurrada politica, e do patronato menos escrupulosos!

Para essas entidades repetim os o que ha poucos annos escreveu uma notabilidade scientifica na «Gazeta medica de Pariz», a respeito do ensino actual da medicina: «A escola não representa nem um principio, nem um methodo, nem sequer um ensino. Quem diz escola diz dogma; quem diz ensino diz concordancia e homogeneidade. Sob este ponto de vista não ha em Pariz nem escola nem ensino, ha somente um estabelecimento universitario, onde vinte e seis professores, pagos pelo Estado vem individualmente impor as suas opiniões e as suas doutrinas, e no qual os alumnos se preparam para passar por prova, de ante de taes ou taes examinadores. Não fazemos uma critica, expomos simplesmente um facto, do qual se conclue que quando se diz Escola de Pariz, não se pode pensar senão que este é um nome jaclancioso, porem vazio de significação».

O que succede na *Escola de Pariz* succede em todas as escolas officiaes de medicina. Ora quando os maiores homens, scientificos de hoje dizem que não ha dogmas, como havemos crer que ha sciencia? E se não ha sciencia, que auctoridade moral podem offerecer as escolas, para se imporem aos povos, dispondo a seu bel prazer das vidas e da saude, sem responsabilidades nem consciencia?

Desçamos todavia da philosophia da sciencia para vermos de perto o *officio de curar*, e lancemos sobre a therapeutica um olhar mais attento e circumspecto.

O seculo XVIII fundou alicerces a uma nova sociedade. A revolução transformou toda a face moral e politica dos povos da Europa, destruindo em nome da liberdade além de muitas coisas santas e boas, mui-

tas velharias indignas da civilisação e do progresso. A medicina escondeu-se da revolução, e ficou-se atraz. Pelas malhas da rede que arrastou a Inquisição, fugiram uns entes pequeninos, que vieram habitar as escolas de medicina dos nossos dias. O *garrote* e os *anginhos*, todos os tormentos d'então, ficaram occultos na pharmacopéa e na materia medica.

O dr. Deschamps nota com verdadeiro criterio que a therapeutica dos seculos passados estava em completa harmonia com a legislação civil. As sociedades opprimidas pelas tyrannias dos codigos suportaram pacientes as tyrannias da medicina, e tal habito se contrahiu nos tormentos que lhes impunham, de tal modo se familiarisaram com as mortificações da carne, que ainda hoje a maioria dos doentes se não contentam com o medico que lhes não pozer um caustico, nem se julgam curados sem que d'elles se dispessa o facultativo deixando-lhes como recordação um purgante!

Esta tolerancia, ou antes, esta selvageria das sociedades não justifica porém a inopia da sciencia, antes a faz mais frizante e mais horrenda.

Se formarmos o paralelo entre os progressos actuaes e os alcançados outr'ora pelos medicos arabes, chegaremos a envergonhar-nos da antiguidade dos xaropes e das essencias, das aguas distilladas, dos emplastos e dos unguentos. Os especificos descobertos pelo empirismo hodierno, são sem duvida um beneficio á humanidade, mas pouco valem perante a sciencia. A auzenca do estudo completo das pathogenias produz absurdos e monstruosidades pharmacologicas, indesculpaveis nos nossos dias, quando se busca dar as cousas uma explicação racional e precisa.

Existe conseguintemente uma escola official de medicina sem sciencia, e uma sciencia medica legalmente rec nhecida, sem que se haja completado nem pela chimica, nem pelos estudos microscopicos, nem por outros conhecimentos mais ou menos amplas, a reconstrução da sua therapeutica e da sua materia medica de ha cinco seculos pelo menos!

E' a isto que se chama *medicina constituida!*

As escolas officiaes, em conclusão, não têm direito de se imporem nem aos povos, nem a sciencia.

Bernardino J. de Senna Freitas.

As causas fincas

A' voz do Omnipotente desdobra-se na immensidade do espaço o grandiosissimo plano da creação.

Os soes, gravitando em suas orbitas harmoniosas e arrastando apoz si milhares de mundos, arremessam aos quatro angulos do universo ondas de luz.

A nossa terra teve também a sua aurora; atribulados, porém, foram os dias do seu primeiro despertar.

Antes que uma paz desconhecida descesse sobre ella e o Creator lhe insufflasse o principio da maternidade, passou pelo estado de fusão ignea, que, produzindo castellos sobre castellos de nuvens, estas desen-

cadeando-se em formidaveis tempestadas e catadupas, lhe causaram profundas commoções.

A irradiação, favorecendo o encrustamento da superficie, formou um involucro aos gazes, que, semelhantes a feras n'uma jaula, arremettiam contra as paredes da fragil prisão, fazendo-a muitas vezes estilhaços. Passaram-se seculos n'estas luctas de elementos contra elementos, até que a terra chegou á idade de poder celebrar o seu primeiro consorcio com a vida.

Um diaphano veu de verdura estendeu sobre ella um manto virginal.

Logo depois, sob um ceo de anil, a primeira flor, sustentada por debil haste, desabrocha á luz do dia os labios nacarados; seu calix é um vaso de doces perfumes e suas petalas assetinadas são prismas phantasticos.

Já as florestas tinham erguido ás nuvens seus gigantes braços, quando toda uma geração de esplendidas plumagens veiu com seus maviosos e requêbrados cantos dar novo realce á harmonia do mundo.

Seres velozes como a setta, cortando em mil direcções o campo undoso, dão vida ás profundezas dos abyssos.

Apparece por ultimo o homem, synthese de todas as maravilhas, compendio de todas as perfeições da natureza, obra prima da criação, animado pelo fogo do seu espirito, que é uma scintilla do espirito divino.

Perante tão estupendo panorama, qual será o louco que não veja n'esta immensa harmonia do mundo, n'esta arrebatadora orchestra das espheras, o dedo de Deus desferindo as cordas d'esta lyra colossal?

Linneu, depois dos seus admiraveis trabalhos sobre a organização das plantas, estupefacto e surprehendido pela ordem maravilhosa existente na natureza creada, solta estas efervescentes palavras:

«O Deus eterno, immenso, omnisciente, omnipotente, passou ante mim. Não o contemplei de face, mas o seu reflexo illuminando o meu espirito, transportou-me de admiração.

Estudei o seu plano nas obras da criação, e em todas ellas, ainda nas mais pequenas, nas mais imperceptiveis, que força! Que sabedoria! Que indefinivel perfeição!

Observei como os seres animados se sobrepõem e encadeiam ao reino vegetal, os vegetaes a s mineraes, submergidos nas profundezas do globo, em quanto que este gravita n'uma ordem invariavel em volta do sol que o vivifica.

Vi finalmente o sol e todos os outros astros, esse immenso systema sideral, incalculavel na sua infinidade, suspenso no vacuo, mover-se no espaço por um primeiro motor incomprehensivel, o Ser dos seres, a Causa das causas, o Guia e Conservador do universo.»

A ideia d'um plano geral em todas as obras da criação, verdade palpavel a todo o homem pensador e eloquente manifestação d'uma intelligencia infinita, é e tem sido o grande nó gordio dos dous irmãos gêmeos, o materialismo e o positivismo.

O nebuloso Kant, pai dos modernos desvarios, de mãos dadas sobre a negação das causas lineas com as novas escolas, esse Jano de duas faces, symbolizando n'uma

algumas verdades de suas theorias e na outra muitissimos erros filhos d'uma imaginação febricitante, diz que «a conformidade com o fim é producto d'um espirito reflectido, o qual por isso admira um milagre que elle mesmo creou.»

«Estes cirurgiões d'um novo genero, assim se exprime o espirituoso Flammation, abrem a veia do bom Deus para inocular o seu principio vital no cerebro do feliz habitante da terra.

E' claro que se ha ordem no mundo e intelligencia na organização dos seres é ao homem que se deve attribuir, porque evidentemente so existe o homem intelligente no universo, e pretender que um Deus lhe é superior seria menosprezar a dignidade do bipede humano.»

Sendo-nos preciso larguissimo espaço e competencia que nos falta, para apreciarmos devidamente o grandioso, sublime e harmonico plano da criação, analysando já as forças intimas, que regem cada um dos seres, já as leis universaes que governam este immenso edificio: já a admiravel architectura dos corpos organizados, sua conservação e reproducção, já os liames que prendem entre si ainda os corpos mais afastados, sendo então que melhor aprofundariamos a unidade de pensamento que presidiu á formação do universo e fim ultimo de cada um dos seres, restringir-nos-hemos ao estudo de um pequeno órgão, mostrando a sua perfeita adaptação ao fim para que foi creado, prova evidente de que ainda as cousas minimas fallam eloquentemente de Deus.

«Em nenhuma das obras do Creator que nos é permittido contemplar, se acham tão logicamente, diz n'uma das suas obras o duque de Saldanha, tão profundamente gravados os caracteres de intenção, como no órgão da vista... As investigações mais profundas da sciencia, (tant) da anatomia como da physiologia, mostram que a estrutura do olho é adaptada com a maior exactidão e habilidade ás leis phisicas da luz e que todas as partes estão acabadas com a mais perfeita exactidão mathematica, como a precisão do effeito requer.

Para todos os que estudam a natureza, tendo em vista descobrir as causas finaes, objecto algum se pôde apresentar que lhe seja tão interessante e tão instructivo, como a physiologia da visão, o mais apurado e admiravel dos nossos sentidos.»

Ainda que soldado d'outra milicia, não posso deixar de obedecer n'este ponto ao dito general, que me está indicando o objectivo das minhas operações: prova clara de que pôde haver perfeita harmonia entre as armas e a Igreja.

Será, pois, o órgão da visão, por meio do qual apreciámos essas encantadoras manhas de primavera, risonhas como a infancia, e essas bellas noites estivaes, scintillantes de luz: será esse maravilhoso e complicadissimo aparelho, fonte das mais puras e gratas sensações, que nos patenteará a acção intelligente, o desigmo e fim ultimo do Omnipotente ainda nas menores cousas da criação.

«O olho, diz Euler, excede infinitamente todas as machinas que o engenho humano é capaz de engendrar.

Tentemos no entanto dar uma ideia geral sobre tão interessante machinismo, para

melhor e com mais fundamento admirarmos as obras da Sabedoria por excellencia.

O globo do olho tem aproximadamente a formo espherica, e é formado por trez involucros sobrepostos.

A membrana mais exterior é a *sclerotica* (cornea opaca) que dá a forma ao olho e recebe a inserção dos musculos que o põe em movimento.

A *sclerotica* offerece na parte anterior uma abertura circular onde está como que engastada a *cornea transparente* atravez da qual penetram no interior do olho os raios luminosos.

A *choroide*, segunda membrana do olho, essencialmente vascular, tem a sua parte interior coberta d'uma certa materia negra (*pigmentum nigrum*), á semelhança da *camara escura*, cujo fim é absorver todos os raios inuteis á visão.

A terceira membrana nervosa e sensivel é a retina, destinada a receber a impressão das imagens que sobre ella se desenhnam.

Alem d'estas trez membranas, que formam como que as paredes do olho, contem este órgão no seu interior alguns humores de differente densidade, como são o *humor aquoso*, o *crystallino* e o *humor vitreo*, cujo fim é refractar os raios luminosos que os atravessam, para que a imagem se forme nitida sobre a retina.

Entre a face posterior da cornea transparente e a parte anterior do *crystallino* acha-se o *humor aquoso*, cujo indice de refração é quasi o da agua. O espaço que occupa é dividido em dous compartimentos por um *diaphragma annular*, chamado *iris*, cuja cor varia segundo os differentes individuos, e tem uma abertura na parte media, denominada *pupilla*, (vulgarmente menina do olho) por onde passam os raios luminosos, que vão acuar sobre a retina.

A *pupilla*, pela *contractão* ou *distensão* do *iris*, goza da singular propriedade de mudar de diametro, segundo a maior ou menor intensidade da luz que fere a vista.

A pouca distancia do *iris* está situado o *crystallino* em frente á *pupilla*.

De forma lenticular, faz convergir os raios luminosos sobre a retina, em cuja superficie tem o seu foco, o qual varia segundo o seu raio de curvatura.

O tecido do *crystallino* é formado de uma infinidade de laminas finas quasi concentricas, cuja dureza e densidade diminue do centro para a periphèria, sendo as camadas superficiaes quasi liquidas.

O espaço entre o *crystallino* e a retina está litteralmente cheio por um liquido ou massa gelatinosa e diaphana, o *humor vitreo*.

O *nerro optico*, depois de se diffundir na retina, penetra no cranio por uma abertura situada no fundo da orbita e vae terminar no cerebro, ao qual transmite as impressões da luz.

E' então que os objectos exteriores se deixam como que tocar pelo espirito, passando do mundo da materia ao do pensamento.

Eis a rapidos traços a inimitavel estrutura do olho. Que maravilhas, porém não são as assignalaveis propriedades de que goza este engenhosissimo aparelho!

Quasi não conhece distancias. A milhões de leguas distingue os cor-

pos celestes com a mesma facilidade com que observa a alguns centímetros seres microscópicos.

Corrige a aberração de refrangibilidade e esphericidade tão difficil de conseguir nos nossos instrumentos opticos.

Representa-nos os objectos na verdadeira posição, apesar de serem invertidas as imagens na retina.

Ainda que são dous os órgãos visuaes as duas impressões confundem-se produzindo uma unica sensação. E tantas outras particularidades sobre as quaes, phisicos, anatomistas e phisiologistas tem emittido mil hypotheses, distanciando-se ainda muito de poderem dizer a ultima palavra sobre tão complicado e surprehendente mecanismo.

(Concluir-se-ha).

PADRE F. SANCHEZ.

SECÇÃO LITTERARIA

THEREZA DE JESUS

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS

TRADUÇÃO DO PADRE LIMA

(Continuado do n.º anterior)

III

Esperança era o nome da joven viuva que foi a Avila para fazer desaparecer a afeição de Thereza ás cousas religiosas a que tinha tanto apêgo.

Os estudos alongaram Rodrigo da casa paterna, sem mãe e sem irmão; Thereza ficou só com esta joven bella, alegre, adulada e com poucas noções acerca das augustas verdades da religião christã.

Uma noite depois de ceia, Thereza pediu licença ao pae para retirar-se ao seu quarto.

—Sentes-te doente? perguntou assustado D. Affonso.

—Não, meu pae, respondeu a joven; mas desejo ir amanhã confessar-me.

—Nesse caso, fazes muito bem, minha filha, observou o ancião; vai e que Deus te illumine.

Thereza recolheu-se ao seu quarto e logo que o fechou, ouviu bater á porta.

—Quem será? exclamou a creada, que, depois de haver tirado o rico vestido á sua joven senhora, lhe preparava uma branquissima bata de dormir.

—Eu não sei, disse Thereza; a não ser Esperança...

—Eu mesmo, disse em voz baixa a encantadora prima de Thereza.

—Abri, abri depressa, que não nos vá ouvir meu tio!

—Minha querida menina, disse Guiomar em voz baixa, eu sou de opinião que se lhe não abra a porta; não quer nada que bom seja este inimigo mau; ides amanhã á communhão; não a rebaesc.

—Mas como hei de fazer? exclamou Thereza.

—Eu mando-a embora, se me daes licença.

—Escandalisar-se-ha.

—Que importa!

—Quem sabe? Talvez necessite alguma couza.

—Ainda assim. Não pôde querer boa couza.

Guiomar entreabriu a porta; introduziu pela abertura seu largo nariz, onde descavavam uns enormes oculos, e disse com voz fanhosa.

—D. Thereza deitou-se.

—Mentes! respondeu Esperança.

—Digo-vos...

—Digo-vos que mentis! D'aqui vejo um dos lindos pés de minha prima que assoma por baixo da sua bata de dormir.

—Mas...

—E' assim que serves a Deus, Guiomar? De que servirão vossas rezas se mentis assim?

—Senhora!

—Vá, vá, deixa-me entrar; quero falar a minha prima.

Fallando assim, a travessa viuvinha deu um empurrão á porta e entrou no quarto de Thereza.

Encantador era o contraste que formavam as duas jovens.

Esperança, alta, loura, branca como o nacar, com os olhos d'um azul escuro, era o ideal da belleza candida, risouha, quasi infantil; ardente e arrebatada não conhecia mais lei do que seu capricho e este era de tal modo louco, que em pouco tempo tinha esbanjado não só toda a sua fortuna, mas até a que seu marido lhe havia deixado quando passou para melhor vida.

Pobre já e de mais a mais rouhada por pessoas que a serviam, acolheu-se ao amparo de seu tio D. Alvaro de Cepeda, cuja bondade era proverbial, e que lhe abriu sua casa não só por amizade, mas muito principalmente por ser sobrinha de sua defunta espoza D. Beatriz, a quem tinha amado com cego carinho e á memoria da qual consagrava terna veneração.

Thereza era um pouco mais baixa, mas suas formas eram delicadamente contornadas, e assaz mais engraçadas que as de sua prima; o formozo trigueiro de suas faces principiava a desaparecer para dar lugar a duas rozas deliciosissimas; seus grandes olhos negros, que nos primeiros annos riam com a candidez da infancia, exprimiam agora o profundo meditar de seu espirito, demonstravam o seu peregrino talento e exquisita sensibilidade; os formosos cabellos eram os mesmos que na infancia lhe contornavam a fronte e caíam em engraçados torvelinhos por sobre as roupagens; no arqueado dos labios presentia-se a alma da mulher sonhadora, e no sorrir, impregnado de harmonias e rico de cadencias advinhava-se a grandeza d'um espirito que se alava pelas regiões infinitas da poesia.

Esta formosa creatura apaixonou-se profundamente de Esperança; os meritos de sua prima em vez de lhe despertarem ciúmes, enamoramam-n'a; admirava sua belleza, sua graça, seu character alegre e terno; e assim se foi prendendo a ella como a tenra era á arvoresinha tocada de flôres, de galas e perfumes.

Porém ao lado de Esperança, frivola amante dos galanteios, louca e bella, as ideias religiosas cahiam desmoronadas como um vetusto edificio aos embates d' furacão. Esperança fallava só de festas, de prazeres, de torneos, de convites; aquellas ideias de martyrio, aquella cellasinha de cólmo e pedras que se fabricou no jardim, tinham-se riscado ja da memoria de Thereza.

—Minha querida, disse-lhe Esperança ao entrar, quero fallar-te em segredo... que só tu me escutes... tua creada que se vá embora.

—Ir-me embora? objectou Guiomar, isso nunca.

—N'este mesmo instante! replicou Esperança pondo-lhe na mão com disfarce algumas moedas; já vê v. que não sou tão má como lhe pareço... desejo fallar a sós com minha prima.

—Pedindo d'esse modo... disse a velhaca creada, não sei que responder-lhe; eu vou-me embora.

—Vamos, vamos depressa! exclamou Esperança; formei um plano, Thereza; ouve-o e passemos a executal-o.

—Um plano! repetiu a joven.

—Sim, um plano; olha, vamos-nos vestir a modo de estudantes.

—Que dizes! exclamou assustada a menina.

—E' a surda?

—Vestir a modo de estudantes?

—Sim.

—Que vergonha! Isso é a mulher rebaixar-se a ponto de esquecer-se do que vale! Disfarçar-me, eu, oh meu Deus, consentireis em tal?

—Sempre tens umas ideias, Therezinha, que nem parecees mulher, mais parecees uma creança!

—E' que sinto não sei que dentro em meu peito, que me opprime, que me afflige, so com a lembrança de que, sem o consentimento de meu pae, me hei de disfarçar para ir por essas ruas... Oh meu Deus! meu Deus!

—Mas, menina, verás que não corre perigo a tua reputação, affirmo-l'o.

A formosa Thereza, a que havia trocado o nome da familia pelo nome d'Aquelle que despedaçara as cadeias que pesavam á mulher, d'Aquelle que firmara a carta da emancipação da mais formosa parte do genero humano: Thereza principiava já a deixar-se cair no laço que a loucura de Esperança lhe armava, e disse:

—Mas como! Aonde havemos de ir buscar os trajés?

—Tenho-os eu.

—E onde vamos? Com que fim nos disfarçamos?

—Para nos divertir.

—Aonde?

—Escuta: alguns estudantes que estão aqui a férias deliberaram fazer uma ceia...

—E então?...

—E então?... Vamos a ella.

—Enlouqueceste, prima minha! Oh meu Deus! Se meu pae o sabia!...

—Como o ha-de saber? Vestimo-n'os aqui: n'este quarto; eu tenho a chave da porta e sahimos sem fazer ruido, quando estiverem todas a dormir.

—Pois tu tens a chave da porta da rua?

—Tenho; tirei o molde da fechadura e

assim me provi d'uma chave que tenho preparada para esta occasião.

—E que faremos com os estudantes?

—Ora essa! Coar com elles. O que devemos é esconder sob as nossas vestes escolares nossos vestidos de seda, nossas rendas, nossas joias; e como ha baile em casa do conde D. . . despimos os trajs de disfarce e vamos ao baile.

—Muit bem, disse Thereza a quem tão incitante descripção fez ferver o sangue nas veias; illudir os estudantes. . .! que bella cousa! E depois ir ao baile! Que prazer!

—Alli veras a D. Felix, esse rapaz que estuda em Salamanca e que está namorado de ti; que bello moço, que galhardo, que galan. Apesar de que D. Gonçalo não lhe fica atrás.

—Aonde estão os disfarces? perguntou Thereza.

—No meu quarto, respondeu Esperança, eu vou por elles.

—Sim, vae, entretanto preparo as joias e as rendas para ambas e sahiremos immediatamente.

Esperança foi, voltando dentro em pouco com os crepes de dois estudantes e com um vestido de seda azul celeste.

Thereza procurou outro igual e ambas se vestiram compondo-se uma a outra.

—Oh! como estás bonita! exclamou Esperança examinando Thereza depois de estarem ambas vestidas; que magníficos cabellos pretos! Que formosa tez! Que felicitosos olhos!

—Pois se tu te visse! exclamou Thereza, cheia de enthusiasmo: teu cabello parece uma cascata d'ouro, teus olhos duas grandes saphiras que nadam n'um globo de diamantes, tua figura é a mansão das graças; que bem pareceras a D. Gonçalo!

—Como se determinará a namorar-te D. Felix! Como se elles renderão ante a nossa belleza?

—Acompanhar-nos-hão a casa do conde e bailarão connosco.

—Mas que dirão se nos virem sós com elles?

—Que haio dizer? Não sou eu viuva e portanto de estado respeitavel?

—Tu de estado respeitavel?

—Certamente! eia, vistamos os habitos; cubramo-nos bem com as capas, e vamos.

—Vamos!

Ambas cobriram seus vestidos de ninfas com os crepes e suas lindas cabeças com os chapéus de tres bicos e sahiram do quarto de Thereza pé ante pé.

Desceram a escada e Esperança meteu a chave na porta que já ha tres horas se havia fechado.

—Ai Jesus! não sei por onde vou de mêdo! exclamou Thereza; mal posso andar com susto: se meu pae nos via!

Esperança nada disse; abriu a porta com o maximo cuidado, e sahiu seguida de Thereza, que, na verdade, mal podia respirar com o terror que a dominava.

—Agora vamos depressa! exclamou a viuva apertando o passo.

Pouco depois chegaram á casa, onde estava determinado o banquete; alguns raios de luz coavam-se pelas janellas, assim como o sussurro que promovia a grande concorrência.

Esperança levantou a aldrava da porta

para bater; mas antes de cahir, uma mão vigorosa agarrou a d'ella.

Levantou-se sobresaltada, quiz soltar um grito, mas o espanto deteve-lh'o nos labios.

O homem que estava por detraz d'ella era seu tio, o pae de Thereza.

—Por alli, disse o velho D. Alfonso em voz baixa, mas severa; para casa, e amanhã sahirás d'ella para não continuares a perverter minha filha!

Esperança dirigiu-se silenciosamente para a rua que se lhe designava.

D. Alfonso agarrou a mão da filha, que ia assustada e ambos seguiram a joven Esperança, que lamentava este inesperado successo e a vigilancia de seu tio, tão erêdulo e affavel até então, mas que agora se mostrava tão severo.

Logo que chegaram, D. Alfonso entrou no seu quarto. Sua filha e sua sobrinha seguiram-no a um signal seu.

Mal fechou a porta, o ancião dirigiu-se para sua filha e com iracundo modo lhe tirou a capa e chapéu de estudante, ficando a menina vestida de baile.

—Esperança, disse D. Alfonso, tens correspondido muito mal á hospitalidade e ao amparo que dei á tua juventude e ao teu abandono; tens despertado em minha filha más inclinações, animando e fomentando instinctos de vaidade e garridice que principiaram já a fermentar em seu peito; por conseguinte, como já te disse, não podes permanecer n'esta casa, cujo repouzo perturbas.

—Como! exclamou Esperança, que tremia ante a ideia de pobreza que a ameaçava; despedis-me de vossa casa, senhor?

—É uma necessidade: todavia, pertences á familia da minha querida e saudosa heatriz e por isso nunca te abandonarei; pagar-te-hei uma pensão que não te faltará até que novamente cases, que é o que deves fazer; acredita-me, para idade tão tenra como a tua nenhuma protecção ha tão boa nem tão respeitavel como a de um marido; agora retira-te para o teu quarto.

—meu querido tio, insistiu Esperança, ajoelhando-se ante o ancião, por Deus vos peço que vos pacifiqueis, e sobretudo, que não faças pagar a minha prima o que só é culpa minha! Acreditaes na sua innocencia e na emenda que vos prometto.

—Acredita n'uma e n'outra, respondeu D. Alfonso; porém necessário experimenta-las; para eu acreditar que te emendas vive no retiro e se modesta; para conservar a innocencia de minha filha mette-a-hei n'um convento.

—Deus meu! exclamou Esperança; vais tirar tambem de vossa casa minha prima?

—Vou leva-la para a de Deus.

—Tio e senhor, disse a joven chorando amargamente, repito-vos que Thereza não teve culpa na minha loucura! Ella não queria acompanhar-me! Asseguro-vol-o.

—Minha querida, replicou D. Alfonso levantando paternalmente sua sobrinha, essas lagrimas e a dôr que as produz certificarão-me a excellencia e bondade do teu coração; a cabeça é que não regula; procura pois remediar este mal por meio da reflexão; tocante a Thereza, minha resolução é irrevogavel. Retira-te e deixa-me só com minha filha; quero; ordeno.

Esperança retirou-se chorosa e afflicta.

—Não te cançarei com prolixas reprehensões, disse então D. Alfonso voltando-se para Thereza; só te direi algumas palavras; teu coração começou a perdera innocencia; trocaste tuas inclinações religiosas por outras mundanas e reprehensíveis; vai para teu quarto e prepara-te para partires ao amanhecer para o convento de Santo Agostinho; ficarás alli até que eu encontre marido que te convenha e ao qual possa confiar a tua felicidade futura.

Continua.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

O Liberalismo Desmascarado

Um dos mais bem conceituados diarios de Paris, «Le Monde», no seu numero de 15 de julho do corrente anno, exprimiu-se n'estes termos occupando-se do *Liberalismo Desmascarado*:

«Convem assiguar como um verdadeiro acontecimento no dominio da litteratura e da polemica catholica, a publicação do *Liberalismo Desmascarado*, cujo 2.º volume acaba de apparecer. O auctor, um padre da Companhia de Jesus, que já por mais que um titulo tem bem merecido da causa da religião em Portugal, prestou com esta obra um novo e importante serviço ao seu paiz.

Acha-se nos dois volumes do *Liberalismo Desmascarado* a mais victoriosa e completa refutação de todas as cambiantes d'esta funesta doutrina, que é o verdadeiro flagello do noz-o tempo. Tudo quanto um padre Henri Hamière, um Luis Veuilhot e outros tem escripto sobre esta materia é ali conscienciosamente aproveitada. Sobre tudo nas condições mui particulares de Portugal o effeito salutar d'esta obra não se fará certamente esperar muito.

É um livro mais proprio que nenhum outro para abrir os olhos d'aquelles que fazem profissão do liberalismo sem conhecerem o verdadeiro caracter das doutrinas que adaptam, e para pôr os catholicos fieis em estado de as combater com vantagem e com pleno conhecimento de causa.»

Em 1872 publicou o sr. J. A. Teixeira de Freitas, benemerito editor catholico de Guimarães, um importante livro intitulado—*A Maçonaria Desmascarada*,—collecção dos artigos pouco antes inseridos no «Ecco de Roma» e em que um dos seus redactores analysava uma circular e duas pranchas maçonicas. O illustradissimo auctor justificou plenamente o titulo que dera ao seu trabalho: a mascara da maçonaria cahiu feita pedacos ante a sua argumentação viva e incontrastavel; e o vulto hediondo do monstro appareceu tal qual é na sua asquerosa realidade. *A Maçonaria Desmascarada* ficou sem resposta, embora o auctor desafiasse os irmãos: a que defendessem, se lhes era possível, o caro objecto dos seus amores...

Mas fallar da maçonaria sem fallar de liberalismo é impossivel: está um incarnado na outra tão intimamente, que em ver-

dade formam um só... abysmo que ameaça sorver a sociedade.

Assim o comprehendeu o nosso auctor, o qual, em continuação á *Maçonaria Desmascarada*, deu á luz em 1877 o 1.º volume do *Liberalismo Desmascarado*, cujo volume 2.º e ultimo sahio ha pouco do prelo. Ao mesmo snr. Teixeira de Freitas devemos a edição d'este magnifico trabalho.

Não exaggeramos se chamarmos ao *Liberalismo Desmascarado* uma obra monumental. O Pro heu da fabula, por meio de rapidas e multiplicadas transformações, conseguia escapar ás vistas e ao alcance dos que o buscavam; não logra porém o Proteu do liberalismo em todas as suas manifestações, desde o mais profundamente radical até ao que se cobre com o manto catholico, esquivar-se á investigação penetrante e a vigorosa analyse do doutissimo auctor—ou traductor, cõmpilador e annotador, que são os titulos com que se apresenta—do *Liberalismo Desmascarado*, o qual escande a sua excessiva modestia sob o véu de *Um nimiranense*.

Tem-se chamado ao liberalismo a grande heresia dos tempos modernos, e com sobeja razão; pois com effeito é elle tão essencialmente perverso, impio e desmoralizador, que hem o podemos considerar como o maior inimigo da Igreja Catholica, além de ser o veneno mais violento e dissolvente da sociedade. Que o fim essencial do liberalismo é a destruição—se fosse possível—da Igreja, provam-n'o os seus actos em todas as partes onde domina, e as confissões que sahem dos labios ou da penna dos seus membros mais francos ou mais simplicios. Por exemplo *De Sanctis*, ministro do reino d'Italia, disse ha alguns annos:

«O partido liberal appareceu a primeira vez na Europa PARA COMBATER A LIBERDADE DA EGREJA. No primeiro dia, senhores, em que os homens se reconheceram diante d'uma liberdade que era absolutismo,—pois que a liberdade absoluta é o mesmo despotismo,—a primeira vez que se encontraram diante d'esta liberdade da theocracia, d'esta liberdade da Igreja que pesa sobre todos, houve um partido, não de demagogos, não de racionalistas, não de atheus, mas um partido de homens crentes (!), de catholicos (!), o partido de todas as mais notaveis intelligencias de então (?), que tomou o nome de partido liberal, e escreveu sobre a sua bandeira:—*Limites á liberdade da Igreja*». (Citado no *Liberal. Desmascar.*, 2.º vol., p. 427).

Ora, que é tirar a liberdade á Igreja senão destruil-a? E, não obstante, ha catholicos tão cegos ou tão simples, que não repellem absolutamente os principios do liberalismo, crendo ou pretendendo concilia-los com as doutrinas da Igreja! Servindo-nos do pensamento d'um grande homem, esses taes tem o liberalismo atarracado na garganta, qual pomada arvore prohibida, e por mais que fazem nem podem expulsal-o nem engulil-o.

Leiam esses e meditem o *Liberalismo Desmascarado*, bem como o devem ler e meditar todos os que professam em qualquer grau a grande heresia moderna, e os que por graça de Deus se acham de ella exemptos: aquelles para verem o abysmo pavoroso a que fatalmente con-

duzem as falsas doutrinas, e estes para cada vez mais se confirmarem no justo horror que lhes inspiram essas doutrinas anarchicas e dissolventes, ou demolidoras.

Não é o *Liberalismo Desmascarado* uma obra fossil ou mera declamação apaixonada contra as ideias modernas: ha alli perfeito cunho de actualidade, argumentação vigorosa, rigor logico no tirar as consequências, e grande copia de citações, factos historicos e documentos preciosos, formando tudo como que uma fortaleza inexpugnavel, como que um arsenal repleto d'armas de ataque e defeza da mais fina tempera.

Acabamos de chamar ao *Liberalismo Desmascarado* uma fortaleza inexpugnavel, e não nos arrependemos nem retiramos a expressão. Atrevemo-nos a dizer que ficará sem respeito e por consequente intacto, como a *Maçonaria Desmascarada*. Que poderão oppor-lhe os adversarios? como derruir,—não diremos bem,—como abrir brecha naquelle baluarte diamantino? Não o tentarão. Chamar-se-hão ao silencio, expediente commoda para quem nada tem que dizer que preste. Quiza lhe dirija algum meia duza de chufas e outras tantas insidencias, argumentos muito usados pelos *sacerdotes* da imprensa liberal, pelos *apostolos da civilização*! E nada mais; e o *Liberalismo Desmascarado* ali ficará em pé, incolome, triumphante, para lição aos que quizerem aproveitall-o, vergonha de puntos, e talvez remorso de alguns...

Oxalá cresça cada dia o numero d'estes, convertendo-se n'elles o remorso em arrependimento! E mal vaie á sociedade se assim não succeder... O carro de fogo da revolução já quasi não encontra freios que o detenham ou lhe moderem a vertiginosa carreira: amanhã talvez haja rompido todas as travas, e então esmagará e abrasará tudo!

Para evitar essa immensa catastrophe que impende sobre a sociedade, ha um só remedio: a volta ás ideias christãs, taes quaes as conserva a Igreja Catholica, unico pharol no meio das densas trevas do presente.

E eis o que prova até á evidencia o até á sociedade, o *Liberalismo Desmascarado*.

B.

(Do «Commercio do Minho»).

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO:—«O Dinheiro de S. Pedro», pelo exc.º Cardeal. Bispo do Porto.—A Encyclica, os diversos jornacs do mundo catholico e o «Commercio de Portugal»; o que é retroceder.—Desmente-se a doença do Pap; varias noticias de Roma; attentados contra o clero.—A «Nação» e a «Palavra»; um pedido.—O «Commercio de Portugal» a contradizer-se n'um mesmo artigo.—Um bispo independente.—Um milagre.—Garibaldi doudo; apreciações do «Figaro». — O «Combates

hidrophobo.—O convento de Lorvão; caradas de livros; um tiro de valor; reparo a proposito; como os tempos mudam; cita o PROGRESSO!

Principiemos esta revista agradecendo ao Em.º Cardeal, Bispo do Porto a offerta que acaba de fazer a esta redacção de dois exemplares da magnifica e importante Carta Pastoral que, com o titulo de «Dinheiro de S. Pedro» dirigiu a Seus diocesanos.

Não é, bem conhecemos, este o lugar para fallar d'um documento de tal importancia; mas fallando d'elle não é intento nosso fazer mais que agradecer a S. Em.ª, reservando-nos para d'elle nos occuparmos quando lhe dermos publicidade, o que faremos logo que hajamos concluido a publicação da Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII.

*
* *

Os jornacs de todas as nações e de todas as parcialidades píficas curvaram-se reverentes ante a esplendida, magnifica, grandiosa Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII, e todos a consideraram como merecia um documento firmado pelo successor de S. Pedro.

«El País», diario liberal conservador, escreve entre outras as seguintes palavras: Se houvessemos de defini-la, chamar-lhe-hiamos dique sagrado opposto nos erros que ameaçam e contristam o mundo.

É assim n'estes termos se exprimem quasi todos os periodicos do mundo catholico; mas o «Commercio de Portugal», que ao entrar em campanha declarou que em religião era completamente atheu, quiz tambem dar a sua opinião acerca da Encyclica e depois de escrever tantas distantes quantas as linhas, finda por estas *memoraveis* palavras:

«É para restaurar, é para renovar a sciencia catholica que o papa se vê obrigado a remontar-se a S. Thomaz de Aquino.

Eis aqui em que estado está a igreja para fazer um *progresso*, e um *progresso* serio, precisa remontar-se ao seculo XIII».

Este collega dos rumores é d'uma graça e d'uma ingenuidade admiraveis. Desconhece que para a Igreja não ha seculos atarracados, quer dizer, descruce que a Igreja ensina hoje o que ensinou no primeiro seculo, que foi o que ensinou no seculo de S. Thomaz e o que ha-de ensinar em todos os seculos, e desconhecendo isto chama retroceder ás determinações da Santa Sé.

Mas o que tem mais graça é o collega chamar retrocesso a isto e não chamar retrocesso ao *progresso* que elle e os amigos apregam. Pois não é retroceder, collega, o querer estabelecer em pleno seculo XIX o que se praticava ha 20 seculos? Não é retroceder o estabelecer o concubinato como existia antes da appareção do Christianismo, e o divorcio que era lei em todos os povos barbaros? Não será retroceder, mas retroceder espantosamente, o levantar brados de liberdade sobre os escombros de cidades derruçadas, ao pé do cadafalso onde rolam milhares de cabeças, em meio das ruas de Nantos onde deslisam rios de sangue?

Não será retroceder aos tempos de Nero e Caligula o fazer voar os melhores monumentos de Paris por entre as chamas que alimenta o petroleo; fuzilar bispos, padres e freiras indefesas?

Não será retroceder aos tempos mais barbaros o armar a canalha, fazel-a senhora da primeira cidade do mundo, e mostrar-a, depois de embriagada com o cheiro do sangue, e estupridalisada pelos discursos dos amigos da liberdade, como uma pleiade de heroes?

Não será retroceder aos tempos mais horrorosos o disparar um tiro contra os reis, o incendiar as officinas e as cidades?

Isto é que se chama retroceder, agora a Igreja, essa não retrocede, porque é instituição divina, e o que é instituição divina não retrocede.

* * *

Os diarios inimigos do Papado têm forjado trinta mil noticias de que o Papa está doente, noticias a que não demos importancia, por conhecermos o valor das mesmas.

Ultimamente os desmentidos têm chegado de toda a parte, e é d'um jornal liberal que vamos furtar (com licença do «Commercio de Portugal») as seguintes noticias:

«Desmentom-se os boatos que ha dias tão insistentemente circularam relativos á deteriorada saude de S. S. Leão XIII. Segundo as asseverações de um correspondente que um periodico hespanhol tem em Roma, não pensa ir restaurar as forças aos seus patrios montes de Perusa, nem á ridente residencia de Castel Gandolfo.

A sua saude é tão boa quanto o podem permitir os ardentes calores que se sentem actualmente na capital da Italia, e o improbo trabalho a que se entrega constantemente, que é o que mais assusta os que vivem ao seu lado.

Os nuncios de Lisboa, Madrid e Pariz tiveram ordem de permanecer nas suas nunciaturas até chegarem os seus successores, o que só terá lugar depois do consistorio em que serão elevados a cardeaes, consistorio que se effectuará em fins do mez em que vamos entrar.

O novo nuncio de Pariz foi consagrado bispo de Salamina, na igreja de S. Luiz dos Francezes, em Roma. E' delicadissima a sua missão em França, porque tem de aliar todas as sympathias dos catholicos sem se intrometer nos planos politicos do partido imperial, e, especialmente, do legitimista, cujo chefe torna a fazer convergir a attenção publica para a sua pessoa, como logo o veremos.

O Summo Pontifice não quer de modo algum que a Igreja intervenha nas luctas da politica, não havendo pressão possivel que o faça apartar d'esta linha de prudencia; affecta-o muitissimo a attitud que está tomando na Belgica a lucta travada entre o governo e o episcopado, por causa da questão d'ensino; e do Vaticano expediram-se conselhos de brandura aos prelados belgas, em virtude de um pedido expresso n'esse sentido, e feito pelo representante que o rei Leopoldo tem junto da santa sé.

Parece que os bispos suissos, por sugestões de Roma, vão reunir-se em Sion, para estudarem os meios de se restabelecer a antiga paz entre a igreja e os governos dos cantões.

O sultão respondeu á ultima carta do Papa declarando altamente que participava das ideias de Sua Santidade na questão da pacificação dos catholicos armenios. O Grão-Turco agradece ao Summo Pontifice os sentimentos que manifesta possuir relativamente á Turquia, e assegura que enviará todos os esforços para deixar á Igreja catholica toda a sua liberdade de acção.

As excitações ao odio que os radicaes francezes têm movido contra o clero, tanto na imprensa como no parlamento, vão produzindo factos doloraveis que merecem a reprovação de todos. Ha dias dous sacerdotes que iam á gare de Lyon foram sem motivo declarado insultados por alguns mancebos; agglomerou-se muito povo e deram-se scenas tumultuosas; os insultadores, jovens na sua maior parte, foram augmentando de numero, assoviaram e ameaçaram os sacerdotes, que foram protegidos de violencias por alguns trabalhadores que passavam »

—

Já que transcrevemos a noticia d'um attentado contra dous padres, vamos transcrever outra d'um attentado mais selvagem ainda, que de certo foi praticado por algum amigo do «progresso» de ha 20 seculos. Eis-a:

«A Gazette de Donai» narra o seguinte facto:

«A cidade de Donai foi theatro d'um attentado inclassificavel. Quando o sr. aibade Dayez, arcepreste de S. Pedro se aproximava de sua casa, pelas 9 1/2 da noite, depois de ter passado a tarde no confessional, viu junto de si um official inferior d'artilheria 13, que bradou:

«Olá, um padre por aqui!? não será mau cortar-lhe o pescoço! Dito e feito: dessembainha o sabre; atira um violento golpe á cabeça do sacerdote: felizmente, a força do golpe foi enfraquecida pelo chapéo e o sabre, resvalando sobre a batina, foi ferir a espada.

Muitas pessoas, testemunhas d'esta aggressão brutal, correram a dar parte á estação de policia e o ferrabraz foi immediatamente prezo.»

* * *

Como é sabido, ha unicamente dous diarios catholicos em Portugal, ambos elles, a nosso ver, muito benemeritos da religião e da sociedade, o que não quer dizer (por supposto) que em tudo sejam perfectos. *Sobus Deus.*

Um leitor exclusivo da *Palavra*: — «Aquella Nação!...»

Um leitor exclusivo da *Nação*: — «Aquella *Palavra*!...»

Um leitor dos dous e amigo d'ambos: — «Esta *Palavra* e esta *Nação*!...quanto fa-

riam melhor se não se maltratassem e se mutuamente se fizessem um pouco mais de justiça!»

Fulano diz que Cicrano é «tartufo.» e Cicrano que Fulano é homem de «má fé.» Engano! Não ha má fé nem tartufismo. Illusão e paixão, isso sim. Qual o homem constantemente isento de qualquer das duas? O que estiver sem peccado que atire a primeira pedra.

Discutam mas não se injuriem; é a petição amigavel do «Progresso Catholico.»

* * *

Não é possivel. O «Commercio de Portugal» não deixa de nos dar campo para os nossos reparos. E' amigo da liberdade, e por isso brada no seu n.º 46:

«Nós não queremos o privilegio do ensino, queremos a plena liberdade de ensino.»

Porém no mesmo artigo mostra-se intolerante e herra n'estes termos:

«A escola em Portugal não está livre do clero. Elle domina n'ellas com as suas doutrinas subversivas, com os seus livros fanaticos. Não os deixemos ahi penetrar! Que egoismo e que hypocrisia! O que é preciso é expulsal-os d'ahi.»

Então onde está a vossa liberdade, *hominho do Senhor?*

Até no mesmo artigo se contradizem! Poderá! Como são amigos da *liberdade* toem liberdade para tudo.

* * *

E' digno de registrar-se o seguinte rasgo de independencia d'um bispo catholico:

Quando se dispunham as cousas para celebrar um «Te-Deum» na igreja de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, por occasião da chegada áquella cidade do visconde do Rio Branco, o exc.º e rev.º Bispo do Rio de Janeiro dirigiu á Ordem Terceira de S. Francisco de Paula a seguinte intimação:

«Rio de Janeiro, 26 de julho de 1879 — Illm.º e excm.º irmão correitor da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula. Constando-me que, por occasião da chegada do exc.º sr. visconde do Rio Branco, pretende-se fazer cantar na igreja d'essa ordem terceira um solemne «Te-Deum,» e que para esse fim já se está armando a igreja, e tudo isto sem ser ouvida previamente a auctoridade diocesana, e sem licença sua, o que tudo é irregular. E porque n'esta projectada solemnnidade religiosa occorrem especiaes razões, pelas quaes nem é prudente nem parece bem conceder-se licença, v. exc.º faça saber á ordem terceira que esse *Te-Deum* não póde ter lo-

gar, bastando de certo, para festejar a chegada de s. ex.ª as demonstraões populares e maçônicas que estão annunciadas. E como consta que s. ex.ª em Roma foi venerar com todo o acatamento ao Santo Padre, que o acolheu com summa beneguidade, de certo s. ex.ª não quererá nem levará a bem que o mesmo Santo Padre fique descontente sabendo que no Rio de Janeiro não se cumprem a tal respeito as leis da Igreja, de que elle é o supremo chefe e pontífice. Vê, pois, v. ex.ª que n'esta resolução não entra motivo nenhum pessoal nem político, mas só o cumprimento de um dever.—Deus guarde a v. ex.ª—Pedro, bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.»

Em Portugal não se pratica ainda isto, mas é de crer que nós, que levamos a civilização aos nossos irmãos do Brazil, cheguem ainda a apreender d'elles alguma cousa.

*
**

Do nosso estimado collega da «Palavra» transcrevemos a seguinte noticia por ter assim como que uns ares de milagre:

«No dia 16 do corrente celebrou-se no lugar de Boassos, freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, concelho de Sinfaes, uma festividade a Nossa Senhora da Estrella, que alli se venera na igreja do mesmo nome.

Como não é meu intento fazer a descripção d'esta festa, direi so que se projectou e realisou uma procissão pelo rio proximo, em barcos para isso enfeitados (que em verdade produziam lindo effeito), na qual eram conduzidos alguns andores entre elles o da Senhora da Estrella. Depois de percorrer uma certa distancia, desembarcou a procissão no sitio do Portantigo, onde devia ter lugar um sermão.

Effectivamente chegados que foram todos á praia, principiou o sermão, que era escutado com interesse. Porém, no meio d'aquelle povo respeitoso e submisso lá estavam alguns individuos que... se conservaram de chapéu na cabeça, apesar de serem avisados e rogados para se descobrirem.

Notaram tambem o digno Abbade da freguezia e o rev.ª prégador o escandalo que os taes individuos estavam dando, pelo que este ultimo snr. teve por conveniente fazer-lhes algumas observaões amigavelmente; mas não foi attendido.

Dirigiu-se então alguém em termos cortezes a um barbeiro, de S. Cypriano, cujo nome ainda ignoro, pedindo-lhe que tirasse o chapéu, ao que elle respondeu: «custou-me dinheiro e comprei-o para o ter na cabeça.» Mal eram pronunciadas estas palavras e terminada uma supplica á Virgem pelo digno Abbade, e eis que um grande mastro erguido para o objecto da funcção cae e mata instantaneamente uma filha do teimoso barbeiro, deixando tambem este bastante contuso, que por isso foi conduzido em braços para casa.

Foi castigo? Foi mero acaso? Aos que forem d'esta opinião direi que no dia antecedente um homem tinha trepado pelo mas-

tro, indo collocar-lhe no cimo uma bandeira, e desceu muito a salvo.

Todavia o facto deu-se como acabo de narrar e todos aquelles que presenciaram a teimosia do barbeiro e a lamentavel occorrença que se lhe seguiu, ficaram contristadissimos, e não raro sahia de muitas boccas esta expressão—Foi a justiça Divina que castigou o pouco respeito á Santa Virgem!

E tolo aquelle povo ficou dando graças a Deus por não ter havido mais victimas, sendo certo que ao pé do barbeiro e de sua filha havia muita gente reunida quando cahiu o mastro.

Uma testemunha presencial.»

Que pena não se haver collocado um mastro assim travesso para dar uma lição a um civilizado que vio a procissão do Corpo de Deus n'esta cidade com a cabeça coberta!

*
**

Os inimigos de Deus e da sua Igreja parece que estão todos a perder o juizo. Ha tempos diziam os jornaes que Victor Hugo estava doente, e agora, por uma noticia que nos mesmos encontramos, podemos dizer o mesmo do bravo Garibaldi.

Na ultima epistola que este homem notarel hotou aos ventos dizia:

«O homem creou Deus, mas Deus não creou o homem».

O «Figaro», occupando-se d'este monumental disparate, d'esta bombastica blasphemia diz com muita graça o seguinte: «este axioma é tão logico como se dissera: o orgulho creou o orgulhoso; o fructo creou a arvore; o effeito produz a causa, e Garibaldi pae é filho de Garibaldi filho».

*
**

Cá nos chegou o «Combate», semanario republicano radical, e muito estimamos a visita e já lá a mandamos agradecer pelo n.º 21 da nossa Revista.

Este «Combate» combate na cidade do Porto, e é tão forte combatente que nós nem de longe queremos brigar com elle. Safa!

O «Combate» sofre horivelmente de hydrophobia nihilista, socialista e communitista.

Esperamos que a policia não tirará a vista de sobre o lombo d'este hydrophobo para no momento de crise aguda lhe lançar a bolla por utilidade publica.

Deus queira que a policia o não perca de vista senão adeus Porto, não lhe valerá ser baluarte da liberdade, não lhe valerá nada d'este mundo.

*
**

D'uma correspondencia de Coimbra para um jornal do Porto tomamos a se-

guinte noticia, que prova o desejo que anima os nossos governos em não deixar em pé um só monumento com que possamos mostrar as nossas passadas grandezas:

«Do convento de Lorvão, onde só reside uma religiosa, foram ha dias levados para a Torre do Tombo, por ordem do governo, duas boas carradas de manuscriptos, alguns dos quaes são documentos valiosos dos tempos anteriores á fundação da monarchia. De Lisboa vieram commissionados alguns empregados para este fim, os quaes tiveram de residir n'aquelle humilde aldeia durante uns oito dias, que tanto tempo gastaram a fazer o respectivo inventario.

Tambem o governo ordenou ao snr. dr. Augusto Philippe Simões, director interino da bibliotheca da Universidade, que levantasse do cartorio d'aquelle mosteiro, e fizesse conduzir para o importante estabelecimento que tão dignamente superintende, todos os livros e impressos que ainda alli se encontrassem.

Informam-nos que foi hontem que o snr. dr. Philippe Simões deu cumprimento a esta ordem, e que d'alli vieram algumas dezenas de bons livros, e entre elles, ainda que truncada, a apreciada edição da «Vita Christi», de frei Bernardo de Alcoberga, impressa em Lisboa em 1493, e que Innocencio avaliava em 300\$000 réis.

Pode-se dizer que está esgotado o cartorio d'aquelle antiquissimo convento com estas duas importantes acquisiões feitas pela Universidade e pela Torre do Tombo. Aprimeira vez que de lá sahiram documentos foi em 1833, quando o sur. Alexandre Herculano veio, na sua excursão official, aos differentes cartorios das provincias.

O governo procedeu com muito acerto em mandar fazer estas duas remoções, porque d'este modo se salvaram importantes documentos e obras de valor, que n'um proximo futuro ou podiam desaparecer mysteriosamente, ou podiam deteriorar-se, pelas más condições em que se encontravam.

O convento está, geralmente, mal conservado. Se o governo não considerat este edificio um monumento nacional, pela sua belleza architectonica e por estarem alli sepultadas duas infantas, D. Thereza e D. Sancha, filhas de ei-rei D. Sancho I, dotando-o com uma verba para a sua conservação, não deve causar estranheza que proximoamente se transforme n'um montão de ruinas.»

Não podemos deixar sem reparo as palavras do illustre correspondente. Pois o governo não considerava até hoje como um monumento nacional o convento de Lorvão? Então que são monumentos nacionaes na bocca d'esta gente? Verdade seja que os

conventos foram tractados e continuam a sê-lo como roupa de francez, lá isso é verdade; mas sempre julgamos que os governos os consideravam como monumentos nacionaes e que por serem desnecessarios os fizessem arrazar.

Ora vejam os leitores como são as cousas d'este mundo. Os conventos serviam de abrigo a muita gente, davam instrucção e sustento ao povo, não custavam nada aos governos, antes pelo contrario concorriam para as despesas do estado com não poucas sommas de dinheiro, e agora, depois de os arrazarem, de lhe desviarem os rendimentos, tem-se como um grande serviço da parte dos governos o consideral-os como monumentos nacionaes e decretar um subsidio para a sua conservação!

Mas viva o progresso! Assim se vai caminhando para traz, e quando não houver um só convento, podemos dizer: — Graças a Deus, já caminhamos até chegar ao tempo em que não havia conventos!

J. DE FREITAS.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde 25 de agosto a que não podemos responder por outra via.

Dos exc.^{mas} snrs.:

Padre Antonio Nunes de Souza.—Satisfeitas as assignaturas, que agradecemos. Livros enviados. A «Madonria», que fica por pagar, já havia ido tambem.

Padre José Maria Gomes da Costa.—Servimos o novo assignante. Agradecemos.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Recebemos o importe do fasciculo 13 e agradecemos o offerecimento de que nos temos já aproveitado.

Vigario José Pereira Duarte.—Pelo correio de 5 de setembro foram os livros pedidos.

João Ignacio Ferreira.—Satisfeita a assignatura enviada, que muito agradecemos.

João Antonio da Silva Azevedo.—Enviado o n.º 18, e o 1.º com o presente. Os restantes irão sahindo.

José Antonio Teixeira Coelho.—Recebemos o importe da assignatura do 2.º anno, que muito agradecemos.

Padre Cazimiro Dias Grillo.—Recebemos a quantia enviada, a que demos o destino indicado, e que agradecemos,

Padre José Dias.—Recebemos a quan-

tia enviada, que agradecemos. Estava pago até ao fasciculo 13 e não 14.

Manoel Joaquim da Costa Cruz Junior.—Expedimos os numeros que faltavam; os demais estão no prelo.

Sebastião José Pereira.—Recebemos e muito agradecemos a importancia dos 5 volumes 2.º dos Popas, que em breve serão expedidos.

Antonio Ribeiro de S. Miguel.—Tomamos nota, e agradecemos.

José d'Almeida Fernandes.—Expedimos os n.ºs que faltavam, e o mesmo faremos logo que saiham os demais.

Padre Antonio Joaquim Fernandes.—Mudamos a direcção e tomamos nota das duas assignaturas para o Scavini.

Padre João Luiz Affonso da M. ntaura.—Cumprimos o que nos ordena.

Padre Jose Marques.—Recebemos o importe do 2.º anno, que agradecemos.

Prior Miguel Antonio da Fonseca e Souza.—Recebemos a quantia enviada e expedimos todos os n.ºs publicados. Os demais irão á medida que forem sahindo. Não sabemos que haja a obra que deseja.

EXPEDIENTE

Prevenimos todos os senhores assignantes do primeiro anno do «Progresso Catholico» de que a tiragem do 2.º anno será unicamente de tantos exemplares quantos os assignantes que tiverem renovado a assignatura, ou a hajam feito de novo até ao dia 13 de outubro, em que finda o 1.º anno.

Os que vierem depois ficarão com a collecção truncada, pois que só quando tenhamos numero bastante que cubra as despesas de nova impressão é que reimprimiremos os numeros que faltarem.

Tambem levamos ao conhecimento dos mesmos senhores que as condições que temos estabelecidas é serem pagas adiantadamente as assignaturas, sem o que se não expedirá numero algum,

evitando assim o que nos aconteceu no 1.º anno, que não mandando nós o jornal senão a quem o assignou, ainda assim temos algumas assignaturas por pagar. Felizmente, e graças aos assignantes do «Progresso Catholico», não chegam talvez a 20.

Todavia, para uma empresa que não tem em mira auferir lucros materiaes, e que trabalha durante o anno sem querer nada para si, justo é que não tenha o mais pequeno prejuizo.

Lembramos a vantagem de enviar qualquer quantia por meio de valles do correio, antes do que em estampilhas, por isso que estas nem sempre nos chegam ás mãos e muitas vezes nos chegam pegadas e em estado de se não poderem aproveitar.

Distribuímos com o presente, o n.º 4 a todos os assignantes a quem faltava. Com o numero seguinte será distribuido o n.º 2, e assim iremos distribuindo todos os que faltam, mostrando assim que nos não poupamos a despesas para cumprir a palavra empenhada.

TEIXEIRA DE FREITAS.

Toda a correspondência deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54—Guimarães.